

BRAZIL: BOLSONARO, THE BURNING AMAZON AND BRAVE YOUNG FEMINISTS



ARIANE COR – GLOBAL RESILIENCE FUND PANELIST, BRAZIL

Surviving in the year 2020 was extremely difficult...

In Brazil, for many girls, women and LGBTQI+ or gender non-conforming people, those with disabilities or neuroatypics, being at home with their partners and family was a major threat. For black people, indigenous people, quilombolas, migrants, people living on the streets or those with restricted freedom, the challenges of surviving different forms of social violence, often directly promoted by the State, have been further exacerbated by the risks of the pandemic.

Loneliness, abandonment, pain - our Amazon and Pantanal regions on fire, the increase in cases of domestic violence, rape and femicide, the murder of indigenous and quilombola leaders, recurring news of black children killed by police weapons in communities, the hunger, unemployment and the number of families living on the streets - this became the face of so much chaos. It was the most vulnerable people who were left to fend for themselves,

unable to keep rent payments in the main cities of the country, prevented from being at home protected from the virus, without an effective health programme, emergency financial assistance and adequate information for the prevention and treatment of the disease.

The feeling of helplessness and despair persisted day and night. In addition to the individual crisis that each of us Brazilians felt for our own lives and those of our loved ones, we were plagued by concern about our political performance during the pandemic, in a country governed by an extreme right, misogynist, homophobic, racist and destroyer of the planet.

For us feminists, who weave our networks of solidarity through affection, between workshops, meetings, marches, circles and parties, measures of physical distance, in order to contain the pandemic, have brought even more challenges to our daily struggle.

Anguishing questions invaded our minds and social media every moment. What will it be possible to do this year? What should be our priority? How to get help? How to prioritise who needs the most help? Where to find inspiration to survive the lack of everything?

The response of young women was, and will be collective. The answer lies in our bonds, even though accessing them is more difficult now.

Through the Global Resilience Fund, we were able to access the responses of peasant companions in Bolivia, indigenous youth in Mexico, women's groups in Xingu, Islamic women in Barbados, LGBTQI+ people organised in Azerbaijan, deaf women in Kenya, sex workers in India, young students in Nigeria, lesbians in Georgia, queers in Palestine, mothers and caregivers around the world, and so many wonderful others who, with extraordinary creativity, are developing solutions for life and defending the rights of girls, women and LGBTQI+ people, so that better futures are possible.

I give gratitude to all these beautiful and strong people, and to all the collectives, so powerful, for being my company, inspiration and learning during this arduous period. ■

(PORTUGUESE - PORTUGUÊS)

Sobreviver no ano de 2020 foi extremamente difícil.

No Brasil, para muitas meninas, mulheres e pessoas LGBTQI+ ou de gênero não-conforme, com deficiência ou neuroatípicas, estar em casa com seus companheiros e familiares foi uma grande ameaça. Para as pessoas negras, indígenas, quilombolas, migrantes, em situação de rua ou de restrição de liberdade, os desafios de sobreviver às diferentes formas de violência social, muitas vezes promovidas diretamente pelo Estado, foram ainda mais agudizados diante dos riscos da pandemia.

Solidão. Abandono. Dor. Amazônia e Pantanal em chamas. Aumento de casos de violência doméstica, estupro e feminicídio. Assassinato de lideranças indígenas e quilombolas. Notícias cada vez mais recorrentes de crianças negras mortas pelas armas da polícia nas comunidades. Aumento do desemprego e da quantidade de famílias vivendo nas ruas, sem condições de manter o pagamento dos aluguéis nas principais cidades do país. Fome. Retrocesso nas políticas de saúde pública que já foram referência mundial.

Diante de tanto caos, as pessoas mais vulneráveis foram lançadas à própria sorte, impedidas de estar em casa protegidas do vírus, sem um programa de saúde efetivo, sem auxílio financeiro emergencial e sem informação adequada para prevenção e tratamento da doença.

A sensação de incapacidade, impotência e desespero persistiram por dias e noites. Além do drama individual que cada uma de nós brasileiras sentimos por nossas próprias vidas e de nossas pessoas queridas, fomos assoladas pela preocupação com nossa atuação política durante a pandemia, em um país governado por um regime de extrema-direita, misógino, homofóbico, racista e destruidor do planeta.

Para nós, feministas, que tecemos nossas redes de solidariedade pelo afeto, entre aulas, reuniões, marchas, círculos e festas, as medidas de distanciamento físico a fim de conter a pandemia trouxeram ainda mais desafios para o nosso cotidiano de luta.

Perguntas angustiantes invadiam nossas mentes e mídias sociais a cada momento. O que será possível fazer neste ano? Qual deve ser nossa

prioridade? Como obter ajuda? Como priorizar quem mais precisa de ajuda? Onde encontrar inspiração para sobreviver à tanta falta de tudo? A resposta das mulheres jovens foi e será coletiva. A resposta está em nossos vínculos, ainda que acessá-los seja mais difícil agora.

Através do Global Resilience Fund, nós pudemos acessar as respostas das companheiras camponesas na Bolívia, das jovens indígenas no México, dos coletivos de mulheres no Xingu, das mulheres islâmicas em Barbados, das pessoas LGBTQI+ organizadas no Azerbaijão, das mulheres surdas no Quênia, das trabalhadoras sexuais na Índia, das jovens estudantes na Nigéria, das lésbicas na Geórgia, das queers na Palestina, das mães e cuidadoras em todo o mundo, e de tantas outras que, com uma criatividade extraordinária, estão desenvolvendo soluções para que a vida e os direitos de meninas, mulheres e pessoas LGBTQI+ sejam respeitados e que futuros melhores sejam possíveis.

A todas essas pessoas tão belas e fortes, e a todas as coletivas, tão potentes, minha gratidão por serem companhia, inspiração e aprendizado durante este árduo período. ■

(SPANISH - ESPAÑOL)

Sobrevivir en el año 2020 fue extremadamente difícil...

En Brasil, para muchas niñas, mujeres y LGBTQI+ o personas de género no conforme, con discapacidades o neuroatípicas, estar en casa con sus parejas y familiares fue una gran amenaza. Para las mujeres negras, indígenas, quilombolas, migrantes, que viven en la calle o en situación de restricciones a la libertad, los desafíos de sobrevivir a diferentes formas de violencia social, a menudo promovidas directamente por el Estado, se han visto agravados por los riesgos de la pandemia.

Soledad. Abandono. Dolor. Amazonas y Pantanal en llamas. Incremento de casos de violencia intrafamiliar, violación y feminicidio. Asesinato de líderes indígenas y quilombolas. Noticias cada vez más recurrentes sobre niños negres asesinados por armas de la policía en las comunidades. Aumento del desempleo y del número de familias que viven en la calle, incapaces de mantener el pago del alquiler en las principales ciudades del país. Hambre. Retroceso en las políticas de salud pública que ya han sido un referente mundial.

Ante tanto caos, las personas más vulnerables se vieron obligadas a valerse por sí mismas, se les impidió estar en casa protegidas del virus, sin un programa de salud eficaz, sin asistencia financiera de emergencia y sin información adecuada para la prevención y el tratamiento de la enfermedad.

La sensación de impotencia, desamparo y desesperación persistió durante días y noches. Además del drama individual que cada una de nosotras brasileñas sentimos por nuestra propia vida y la de nuestros seres queridos, nos asedió la preocupación por nuestro desempeño político durante la pandemia, en un país gobernado por un régimen de extrema derecha, misógino, homofóbico, racista y destructor del planeta.

Para nosotras, las feministas, que tejemos nuestras redes de solidaridad a través del afecto, entre talleres, encuentros, marchas, círculos y fiestas, las medidas de distancia física para contener la pandemia han traído aún más desafíos a nuestra lucha diaria.

Preguntas angustiosas invadieron nuestras mentes y redes sociales en todo momento. ¿Qué se podrá hacer

LA RESPUESTA DE LAS MUJERES JÓVENES FUE Y SERÁ COLECTIVA. LA RESPUESTA ESTÁ EN NUESTROS VÍNCULOS, AUNQUE AHORA ES MÁS DIFÍCIL ACCEDER A ELLOS.

este año? ¿Cuál debería ser nuestra prioridad? ¿Cómo conseguir ayuda? ¿Cómo priorizar quién necesita más ayuda? ¿Dónde encontrar inspiración para sobrevivir a la falta de todo?

La respuesta de las mujeres jóvenes fue y será colectiva. La respuesta está en nuestros vínculos, aunque ahora es más difícil acceder a ellos.

A través del Global Resilience Fund pudimos acceder a las respuestas de compañeras campesinas en Bolivia, de jóvenes indígenas en México, de grupos de mujeres en Xingu, de mujeres islámicas en Barbados, de personas LGBTQI+ organizadas en Azerbaiyán, de mujeres sordas en Kenia, trabajadoras sexuales en India, jóvenes estudiantes en Nigeria, lesbianas en Georgia, queers en Palestina, madres y cuidadoras de

todo el mundo, y tantas otras que, con extraordinaria creatividad, están desarrollando soluciones para la vida y para que los derechos de las niñas, las mujeres y las personas LGBTQI+ sean respetados, y que sea posible un mejor futuro.

A todas estas personas bellas y fuertes, y a todos los colectivos, tan potentes, mi agradecimiento por ser compañía, inspiración y aprendizaje durante este arduo período. ■

Ariane Cor is a social scientist, technologist and black feminist based in São Paulo, Brazil. She is a co-founder of Minas Programam, an institute that has been improving strategies to integrate more girls and women into technology. Currently she is missing hugs and sunny days at the beach with friends.